



## IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

### ENTRE AS CORRERIAS E O FAZER UM MONTE DE NADA: DINÂMICAS DE VIDA E OS ATRAVESSAMENTOS DA VIOLÊNCIA NO USUFRUTO DO LAZER DE MULHERES NEGRAS

#### ***Eixo Temático 51– VIOLÊNCIAS DE GÊNERO, SEXUALIDADE E SEUS ATRAVESSAMENTOS NO ESPORTE, NO LAZER E NOS COTIDIANOS DA ESCOLA.***

Diênifer Monique da Conceição<sup>1</sup>

André Luiz dos Santos Silva<sup>2</sup>

Ariane Corrêa Pacheco<sup>3</sup>

#### **RESUMO**

O estudo objetiva analisar, através das narrativas de seis mulheres negras que vivem em contextos de violência de gênero em Novo Hamburgo, as dinâmicas do cotidiano e as possibilidades de lazer. Parte, metodologicamente, de mapas de calor que identificam a região de altos índices de violência doméstica, assim como utiliza a oralidade, escrevivência e interseccionalidade como ferramentas de produção e análise dos dados. Encontramos a “correria” como categoria importante que nos direcionam a realidades outras que produzem significações em determinadas práticas dos cotidianos das interlocutoras em que o lazer é (re)significado a partir de uma subjetiva temporalidade e espaço político e social, tencionando possibilidades múltiplas e singulares de possibilitar o lazer.

**Palavras-chave:** Gênero; Raça, Lazer, Mulheres Negras, Violência.

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - RS, [djeny.monique@hotmail.com](mailto:djeny.monique@hotmail.com);

<sup>2</sup> Pós Doutor em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – RS, [andrels@ufrgs.br](mailto:andrels@ufrgs.br);

<sup>3</sup> Doutora em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - RS, [ariane.pacheco@ufsm.br](mailto:ariane.pacheco@ufsm.br).



## INTRODUÇÃO

Residentes de uma comunidade localizada às margens do município de Novo Hamburgo/RS, as interlocutoras dessa pesquisa são mulheres que convivem com a invisibilidade política daquelas e daqueles que constroem esse território, pessoas cujos direitos são negligenciados ao mesmo tempo em que são advertidos pelos riscos das condutas inapropriadas. No contexto dessa comunidade, foi construído um Centro de Atendimento Socioeducativo para Menores Infratores (Case) e se situa no terreno atrás da escola de ensino básico, situação que demarca como a arquitetura de sua construção produz sentidos sobre as normas sociais e as penalidades passíveis para os jovens moradores daquele território (**Diênifer Conceição**; André Silva, 2021<sup>4</sup>).

Moradoras de uma “vila” narrada como violenta e vinculada às práticas de drogadição, as mulheres negras daquela comunidade convivem com altas incidências de violência doméstica e familiar, condição de gênero que lhes produz experiências muito particulares, cujos corpos no usufruto do lazer são atravessados pela complexidade das dinâmicas da vida. Após um primeiro investimento de pesquisa nessa localidade, compreendemos que não podíamos ficar apenas com uma versão da história e corpos dessas mulheres negras, pois as interlocutoras tinham muito ainda para mostrar. Quais outras dimensões da vida compõem as nossas re-existências (**Adolfo Achinte**, 2013)? Quais são as inventibilidades dessas mulheres negras para seguir existindo?

Compreendendo o intrincamento que contorna os corpos pretos femininos, entendemos uma urgência em adentrar nas práticas cotidianas dessas mulheres. Desse modo, de qual forma são tecidas as viabilidades de re-existência de mulheres negras para as práticas e usos do lazer em seus cotidianos, em uma região de altos índices de denúncias de crimes contra elas?

---

<sup>4</sup> Esta investigação está posicionada em trazer o nome e sobrenome das autoras e autores na sua primeira aparição da discussão, medida que rompe com as estruturas de gênero na academia, pois a referência padrão explicita somente “O” sobrenome o que apaga autoras e suas produções. Assim como tem um compromisso étnico-político. Nesse sentido, autoras e autores negros serão negritados, medida que visibiliza a intelectualidade negra, que por muitos anos foi negada no espaço científico, e ressaltado a importância desses dados nos currículos Lattes, atualmente invisibilizados (**Conceição**, 2024).



Considerando esse contexto de estudo, as discussões sobre interseccionalidade foram acionadas para analisar a relação entre a vida dessas mulheres e as discussões sobre o lazer. Na esteira desses debates, **Patrícia Collins** e Sirma Bilge (2021, pág. 16) explicam que interseccionalidade “investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana”. Assim, torna-se possível aprofundar na compreensão de como as vivências particulares e os prismas por elas gerados proporcionam múltiplas vias para discutir questões que são universais, tais como as da igualdade e da justiça (Nadya Guimarães; Louisa Acciari, 2021).

Na complexidade deste corpo preto e feminino partimos, interseccionalmente, da noção de raça que é tomada como uma construção social e histórica, um marcador da diferença de extremo impacto nas estruturas sociais, em especial na brasileira, que foi construída sobre os efeitos de um sistema escravocrata, cujos códigos linguísticos continuam classificando e hierarquizando corpos, com especial distinção, os corpos das mulheres pretas (**Sueli Carneiro**, 2005).

Gênero, na intersecção com raça, é tomado como “o conhecimento que estabelece significados para diferenças corporais” (Dagmar Meyer; Silva, 2020, p. 497). Assim, sendo um organizador social, é uma forma primária de dar significado às relações de poder (Meyer; Silva, 2020; Joan Scott, 1995). Nesse estudo, intersecção entre raça e gênero se entrelaçam em um arranjo complexo e que complexifica o usufruto do 'lazer' em um território marcado pela violência. O uso da interseccionalidade como ferramenta analítica mostra como as relações de poder e re-existência se produzem nas especificidades do contexto investigado.

Nesse estudo, consideramos um determinado olhar para o lazer que busca uma aproximação com “epistemologias alternativas”, na esteira de debates colocados por Joise Maurício, Jordânia Eugênio, Juliana Paula, Khellen Soares e Raquel Nunes (2021, p. 700), pois são essas que nos levam, em primeiro lugar, a problematizar marcadores que estruturam concepções arregimentadas em lógicas eurocentradas e colonizadoras de perceber a vida, como, por exemplo, a insuficiente delimitação de tempo a partir do relógio. Dentre os debates propostos pelas autoras, situados em uma interlocução com



## IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

os estudos decoloniais e no diálogo com José Debortoli (2012, p. 15), torna-se possível compreender o lazer como um "processo de envolvimento, participação e percepção do mundo e da vida, que é sempre movimento, que é sempre inventiva".

Considerando tais discussões, podemos compreender que lazer não é um produto, o resultado de algo, mas uma determinada prática social que coloca o corpo, a arte, a sensibilidade, a imaginação no centro do processo de fruir uma dada experiência significada como lazer. Cabe destacar que o lazer não está inerte às movimentações sociais, temporais e territoriais, ou seja, as dimensões e usos do lazer estão fixados aos diversos mecanismos excludentes provenientes, dentre outros, do racismo e sexismo (Lucilene das Dores et al, 2021).

Neste sentido, o texto<sup>5</sup> objetiva analisar, através das narrativas de seis mulheres negras que vivem em contextos de violência de gênero em Novo Hamburgo, as dinâmicas do cotidiano e as possibilidades de lazer.

### METODOLOGIA

Esse estudo segue uma abordagem qualitativa que, em primeiro momento, parte da análise das informações evidenciadas por mapas de calor, produzidos a partir dos dados disponibilizados pela Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher de Novo Hamburgo, município localizado no Rio Grande do Sul. A elaboração desses mapas, em linhas gerais, é realizada a partir dos endereços das ocorrências de crimes contra mulheres, identificando, assim, os pontos críticos de incidência de denúncias (Silva, Meyer e Roberta Riegel1, 2021). Nesse trabalho, analisamos os mapas referentes aos crimes contra mulheres negras.

O processo investigativo se deu mediante encontros individuais com as interlocutoras. As conversas aconteceram nas residências dessas mulheres e foram guiadas por um roteiro maleável de perguntas que problematizavam seus cotidianos e sentidos atribuídos ao lazer, violências, racismo, território interseccionados. Seis

<sup>5</sup> Essa investigação está vinculada à pesquisa "Relações de Gênero na escola: Um estudo sobre as regiões de alto índice de violência contra as mulheres no município de Novo Hamburgo/RS", financiado pelo CNPq, por meio do Edital MCTIC/CNPq Nº 28/2018 e edital "CNPq/MCTI Nº 10/2023".



mulheres negras residentes desse território marcado pelos altos índices de violência se autorizaram ao exercício da fala.

Essa investigação faz parte de uma trajetória de fazer pesquisa, escurecendo os modos para que atenda as demandas subjetivas, a fim de tencionar e aprimorar a produção do conhecimento com estas interlocutoras e neste território (**Conceição**, 2022). Metodologia pautada na oralidade mostrando uma subjetividade negra que resistiu, um indicador de importância à palavra falada neste processo cultural negro (**Antonio Junior**, 2014). Acionamos como ferramenta de análise das produções que emergiram das oralidades, a Escrivivência, tendo em vista que essa escrita se origina do cotidiano de vivências e de lembranças, de mulheres negras e é nesta esfera em que nos debruçamos para compreendermos as dinâmicas de usufruto do lazer, haja vista que as dinâmicas próprias dessas mulheres lhes possibilitam suas inscrições no mundo e que repercutirá no lazer. O ato da escrita, tratando-se de mulheres negras que permeiam por espaços adversos aos das culturas das elites, manifesta-se num sentido de insubordinação. Dessa forma, as Escrivivências dessas interlocutoras expressam um conjunto de subjetividades e serve para importunar os sonos injustos (**Conceição Evaristo**, 2007).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, intentamos entender as dinâmicas do cotidiano de mulheres negras que vivem em contextos de violência de gênero e as suas possibilidades de lazer. Com as produções dos dados, encontramos elementos que nos pareciam primordiais para a compreensão, primeiramente, da organização do cotidiano e, a partir desse entendimento, encontrar pistas para as perspectivas de lazer frente as realidades das interlocutoras. Ao nos depararmos com os dados do campo, os sentidos até então entendidos no campo do lazer canônico parecem não fazer sentido para o cotidiano dessas mulheres. Naquele contexto, mulheres negras narram fortemente a “correria” em seus cotidianos. Uma categoria que emergiu do campo e nos faz compreender que é um agente importante na organização e dinâmicas da vida dessas mulheres.



Neste sentido, a correria está presente nos cotidianos dessas mulheres negras, fazendo parte das dinâmicas dos cuidados com a casa, filhos e matrimônio, como também, abrangendo território e trabalho. A correria seria uma lubrificação das engrenagens da vida, fazendo com que essas mulheres consigam “dar conta” das demandas que lhes cercam. Essa correria ordinária se qualifica nos atravessamentos do racismo, sexismo, econômico e territorial.

De forma relacional à “correria”, surge a categoria “fazer um monte da nada”, que se caracteriza por uma determinada condição de usufruto da experiência (certa noção de tranquilidade) na “correria”, algo que não dá garantias de continuidade, sendo, assim, efêmero. Ao mesmo passo, nessa região, a violência reorganiza a “correria”, não suspendendo do cotidiano, mas intensificando-a, fazendo acionar manejos de risco, inventividades, bem como a própria violência para um (re)estabelecimento e prevenção da “correria” ordinária.

Logo, “correria”, como categoria, é importante para pensar pistas que nos direcionam a realidades outras que produzem significações em determinadas práticas dos cotidianos das interlocutoras. Nesse contexto, o lazer é (re)significado a partir de uma subjetiva temporalidade e espaço político e social, tencionando possibilidades múltiplas, singulares e volúveis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo possibilitou pistas para captar a complexidade das trajetórias dessas mulheres, entendimentos que moldam e nos ensinam que as realidades são múltiplas e particulares de um contexto repleto de subjetividades compartilhadas. Por essa razão, entendemos que essa pesquisa seja um trampolim para outras possibilidades de oportunizar voz a mulheres negras em seus contextos.

## REFERÊNCIAS

**ACHINTE, Adolfo Albán.** Pedagogías de la re-existencia. Artistas indígenas y afrocolombianos. *In:* WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales:** prácticas



insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. (Tomo I). Quito: Ediciones Abya-Yala, p. 443-468, 2013..

**CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** 2005. Tese (Doutorado em Filosofia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

**COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. Interseccionalidade.** 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

**CONCEIÇÃO, Diênifer Monique da.** Entre as correrias e o fazer um monte de nada: dinâmicas de vida e os atravessamentos da violência no usufruto do lazer de mulheres negras. 2024.

**CONCEIÇÃO, Diênifer Monique da. Mulheres negras e violência:** escrevivências em Território marcado pelos altos índices de denúncias de crimes contra pretas e pardas no município de Novo Hamburgo/RS. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Educação Física) - Universidade Feevale. Novo Hamburgo, 2022.

**CONCEIÇÃO, Diênifer Monique; SILVA, André Luiz dos Santos.** Igreja e domicílio: espaços de lazer de mães residentes numa comunidade de alto índice de violência contra mulheres *In: IV CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS DOS LAZER; XVIII SEMINÁRIO O LAZER EM DEBATE*, 2021, Porto Alegre. Anais. Porto Alegre: PUC, ESEFID/UFRGS, 2021, p. 556 - 560. Disponível em: <https://anpel.com.br/download/cbel-IV-anais.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2023.

**DAS DORES, Lucilene Alencar et al.** Rompendo os silêncios sobre o perfil do lazer da população negra no Brasil. **LICERE**, v. 24, n. 4, p. 324-356, 2021.

**DE PAULA JUNIOR, Antonio Filogenio.** Educação e oralidade na cultura negra no Brasil. **Comunicações**, v. 21, n. 1, p. 191-200, 2014.

**DEBORTOLI, José Alfredo.** Lazer, Envelhecimento e Participação Social. **LICERE**, v. 15, n. 1, 2012. DOI: [10.35699/1981-3171.2012.739](https://doi.org/10.35699/1981-3171.2012.739). Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/739>. Acesso em: 8 dez. 2024.

**EVARISTO, Conceição.** Da grafia desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. *In: ALEXANDRE, Marco. Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces.* Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 16-21, 2007.

**GUIMARÃES, Nadya; ACCIARI, Louisa.** Entrevista com Patrícia Hill Collins. **Tempo Social**, v. 33, n. 1, p. 287 – 322, 2021.

**MAURÍCIO, Joise Simas de Souza; EUGÊNIO, Jordânia de Oliveira; PAULA, Juliana Araújo; SOARES, Khellen Cristina Pires Correia; NUNES, Raquel Rocha.** Lazer e a



Opção Decolonial: Diálogos Teóricos e Possibilidades de Construções Contra-Hegemônicas. *LICERE*, v. 24, n. 1, p. 695–725, 2021.

MEYER, Dagmar Estermann. Corpo, violência e educação: Uma abordagem de gênero. *In: JUNQUEIRA, Ricardo. Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas.* Brasília: Editora MEC/Unesco, 2009.

MEYER, Dagmar Estermann.; SILVA, André Luiz dos Santos. GÊNERO, CULTURA E LAZER: POTÊNCIAS E DESAFIOS DESSA ARTICULAÇÃO. *LICERE*, v.23, n.2, 2020.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SILVA, André Luiz dos Santos; MEYER, Dagmar Estermann; RIEGEL, Roberta Plangg. Gênero, mulher, crime e violência: relações e tensões. *Revista Educação em Questão*, v. 59, n. 59, 2021.